

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 1 - PAISAGEM CULTURAL: UM CONCEITO EM
DISCUSSÃO E SUAS TIPOLOGIAS - PAISAGEM E GEOGRAFIA /
PAISAGEM E ARTE / PAISAGEM E ARQUEOLOGIA / PAISAGEM E
AMBIENTE / PAISAGEM E PATRIMÔNIO / PAISAGEM URBANA E PAISAGEM
CULTURAL / JARDINS HISTÓRICOS E PAISAGISMO / PAISAGENS RURAIS,
INDUSTRIAIS E DA MINERAÇÃO / CATEGORIAS DE PAISAGEM DA
UNESCO E SUA APLICABILIDADE / ROTAS E ITINERÁRIOS CULTURAIS.

**PAISAGEM VIVENCIADA E PERTENCIMENTO: MÁRIO DE ANDRADE E A
FORMAÇÃO SENSÍVEL DO PATRIMÔNIO CULTURAL EM O TURISTA
APRENDIZ (1927–1929)**

Gabriel Serratto Paris (gserrattop@gmail.com)

Este trabalho propõe analisar *O Turista Aprendiz* (1927–1929) como parte do processo de formação moderna da paisagem cultural no Brasil. Organizado em 1943 pelo próprio autor e publicado apenas em 1976, o diário de viagem de Mário de Andrade apresenta concepções que, embora o termo “paisagem” já apareça no Decreto-Lei nº 25, de 1937, somente seriam formalizadas no Brasil pelo IPHAN por meio da Portaria nº 127/2009, que institui a categoria de Paisagem Cultural Brasileira. No cenário internacional, o conceito foi oficializado pela UNESCO em 1992. Parte-se da hipótese de que Mário não descreve o território como cenário natural ou conjunto de objetos, mas o produz como experiência sensível e culturalmente orientada, articulando natureza, práticas sociais, memória e afeto em um processo pedagógico do olhar.

Parte-se da hipótese de que Mário não descreve o território como cenário natural ou conjunto de objetos, mas o produz como experiência sensível e culturalmente orientada, articulando natureza, práticas sociais, memória e afeto em uma pedagogia do olhar.

Tomando como corpus o diário de viagem, o trabalho examina como rios, vilas ribeirinhas, festas populares, cidades históricas e arquiteturas coloniais são narrados como campos de experiência vivida, nos quais gestos cotidianos, ritmos e usos culturais constituem a paisagem como forma de pertencimento. Argumenta-se que tais descrições operam como tecnologias simbólicas de formação da sensibilidade nacional, instituindo um regime do visível que orienta o que deve ser visto, sentido e desejado como “Brasil”.

A partir de uma abordagem teórica baseada em reflexões sobre paisagem, sensibilidade e desejo, mobilizando a crítica formulada por Deleuze e Guattari em *O Anti-Édipo* acerca da inscrição e da apropriação social da produção desejante, propõe-se demonstrar o limite do projeto de paisagem marioandradina. Assim, o patrimônio não se reduz à conservação de bens, mas atua como registro e organização de experiências sensíveis do território em uma forma culturalmente compartilhada.

Palavras-chave: paisagem cultural; mário de andrade; identidade nacional; sensibilidade; pertencimento.